

## O APAGAR DAS FORNALHAS: FOGO MORTO, ESTÉTICA DE 30 E A DEGRADAÇÃO SOCIAL DO SER HUMANO

Antonielle Menezes Souza (PPGL / UFS)<sup>1</sup>  
Marcio Carvalho da Silva (PPGL/UFS)<sup>2</sup>

[...] Devido a uma intriga com o negro Floripes, é expulso de sua casa no engenho de Santa Fé, onde viveu toda sua vida, desde os tempos em que o Capitão Tomás era o proprietário. “*Há uma semana que tinha sido posto para fora de sua casa pelo senhor de engenho.*”<sup>3</sup>

É notório observar que a obra do escritor José Lins do Rego é fruto de sua realidade, percebemos uma forte incidência do “seu eu”, marcas de suas experiências e vivências. O escritor retrata perfeitamente as marcas de sofrimento de nossa gente nordestina, assim como nossas lamurias, tristezas, impasses, dificuldades, as mais profundas adversidades, para continuar a viver em nossa amada terra Nordeste. É uma literatura repleta de melancolia, impregnadas de sofrimentos, não somente sociais, mas também psicológicos. Seu principal cenário é o Nordeste, mais precisamente a Paraíba, os engenhos de cana-de-açúcar, e por consequência a decadência dos senhores de engenho, das oligarquias e do patriarcado.

José Lins retrata com fidelidade a expressão literária de sua cultura, a realidade por ele vivenciada, na Casa grande, onde viveu, e da senzala, onde pode observar a suas mais profundas mazelas e misérias. Apresenta-nos, também, com riqueza de detalhes as posturas aristocratas dos senhores de engenho, dos bacharéis, assim, retrata com fidelidade a dura e cruel realidade dos negros no mundo dos brancos, recém-libertos e observados com um rígido e sólido preconceito em todo nosso país.

*Fogo Morto* aparecerá em nossa literatura vestindo essa roupagem, ilustrando as inúmeras tragédias, apresentando com profundidade psicológica as dores mais internas dos viventes do Engenho Santa Fé e redondezas. Apresentará, também, a deterioração física e social, proveniente de um cenário repleto de desrespeito às

---

<sup>1</sup> Mestranda do programa de pós-graduação em Letras pela Universidade Federal de Sergipe.

<sup>2</sup> Mestranda do programa de pós-graduação em Letras pela Universidade Federal de Sergipe.

<sup>3</sup> RÊGO, 2002. p. 186

necessidades básicas e desvalorização do ser humano. Notamos, assim, uma íntima relação entre o escrito, as personagens e o ambiente retratado em suas narrativas.

É relevante salientar que apesar de sua obra tratar especificamente das mazelas dos menos favorecidos, sua literatura não será popular, visto que é possuidora de um certo rebuscamento, sendo necessária uma análise profunda e crítica para compreendermos, em verdade, o que o intelectual desejou expor, tornando assim a narrativa um rico material documental da literatura regionalista dos anos 30.

A obra-prima de José Lins, *Fogo Morto*, objeto de nosso estudo neste artigo, impressionará a crítica pela força e maturidade impregnada em seus escritos. Tal literatura irá refletir e apresentar a situação política, econômica e social vivida pelo Brasil do decênio de 30. Apresentará, também, o domínio da oligarquia cafeeira, sob a açucareira, está que não resistirá e cairá em decadência, juntamente com os seus senhores proprietários dos engenhos.

A grande ficção do escritor girará em torno de três personagens empolgantes, o mestre Zé Amaro, artesão, o major Luís de Holanda Chacon, senhor decadente do engenho Santa Fé e o capitão Vitorino Carneiro da Cunha, para alguns críticos, o Quixote sertanejo e maior personagem da trama, personagens estes, os mais fortes de sua criação. Dessa maneira, as personagens comporão de forma magistral três novelas sobrepostas com uma história visceral, latente e repleta de personagens possuidoras de uma realidade trágica.

Desse modo, com o referido artigo questionaremos acerca dos problemas sociais ocorridos no interior da narrativa ficcional, mimese da realidade do escritor, o Nordeste brasileiro. Figurará em seus escritos, a violência, o abuso do poder aristocrata, a ilegalidade, temáticas ambientadas no evento histórico da Abolição da escravatura e a ascendência da República, ocorridos respectivamente em 1888 e 1889, sendo estes, pontos primordiais para a fragmentação declarada da sociedade em grupos/ castas.

### **Relevância dos aspectos sociais na Literatura de 30**

Nos romances de 30 é notória uma tentativa latente de análise, crítica e apresentação da realidade brasileira. Preocupações que já faziam parte do cenário social dos brasileiros, mais especificamente nordestinos. A literatura figura como ferramenta para tal veiculação de informações e denúncias situação definida por Antônio Candido da seguinte maneira:

Houve um “antes” diferente de um “depois”. Em grande parte porque gerou um movimento de unificação cultural, projetando na escala da nação fatos que antes ocorriam no âmbito das regiões. A este aspecto integrador é preciso juntar outro, igualmente importante: o surgimento de condições de realizar, difundir e “normalizar” uma série de aspirações, inovações, pressentimentos gerados no decênio de 1920, que tinha sido uma sementeira de grandes e inúmeras mudanças. (CANDIDO, 2009. p. 18)

Desse modo, segundo os argumentos de Antônio Candido, a tal concepção literária já havia sido gestada, há uma década, sendo utilizada em 30 como fermentação para as manifestações das ideologias que compunham o cenário literário do novo regionalismo brasileiro. O decênio de 30 nas palavras de Candido “foi a extensão das literaturas regionais, e sua transformação em modalidades expressivas e cujo significado se tornaram nacionais, como se fossem coextensivos

à própria literatura brasileira”. Para Lafetá,

[...] a opinião unânime dos estudiosos do Modernismo é que o movimento atingiu, durante o decênio de 30, sua fase áurea de maturidade e equilíbrio, superando os modismos e os cacoetes dos anos vinte, abandonando o que era pura contingência ou necessidade do período de combate estético. Tendo completado de maneira vitoriosa a luta contra o passadismo, os escritores modernistas e a nova geração que surgia tinham campo aberto à sua frente e podiam criar mais obras livres, mais regulares e seguras. Sob esse ângulo de visão, a incorporação crítica e problematizada da realidade social brasileira representa um enriquecimento adicional e completa – pela ampliação dos horizontes de nossa literatura – a revolução da linguagem. (LAFETÁ, 2001. p. 31)

É importante salientar que o principal foco e critério de avaliação na ótica na nova crítica literária, será a incorporação de uma consciência profunda na estética, e por consequência, na linguagem, incorporadas a literatura por meio da ruptura realizada pelo modernismo. Movimento de significativa importância, visto que ele traz consigo um natural desnudamento da tradição associando a sua obra um processo notável de conscientização para atingir com êxito o seu propósito.

Dessa forma, mediante ao decênio de 30 é observado como uma extensão das ideias e conquistas modernistas seria uma possível reconfiguração, que para Lafetá em sua obra *1930: A crítica e o Modernismo*, poderia ser denominado também como período de transição, ocorridos entre os anos de 22, momento de advento do Modernismo brasileiro e os anos 30, com uma enfática mudança do estético e ideológico. Segundo Lafetá,

[...] a década de 20 inaugura no Brasil a nossa modernidade; a década de 30, ao mesmo tempo que incorpora e desenvolve alguns aspectos das doutrinas modernistas, inicia também o seu processo de diluição. E, no fundo desse segundo pressuposto, encontra-se a observação que procura explicar tal diluição: a consciência estética, pressionada com a violência pela problemática política e social, cede lugar à consciência ideológica. (LAFETÁ, 2001. p. 31)

Vale saber, então, que as transformações operadas ocorridas na década de 30 provem de um alargamento munido de um espírito renovador e vanguardista, fruto do modernismo brasileiro. Assim, seguindo as ideias de Candido a literatura, neste momento, se veste com a roupagem da consciência crítica em prol das questões referentes à realidade. A partir deste momento, os romances remeterão a um aspecto psicológico e introspectivo da realidade.

### **Degradação e desvalorização do ser humano em *Fogo morto***

Adentrando aos canaviais do Engenho Santa Fé, o autor de *Fogo Morto*, busca em sua narrativa fazer emergir a terra a pequenez do ser humano, suas mazelas e atrocidades. Assim, notamos a significativa importância poética e social da obra *Fogo morto*, admirada pela crítica, a obra transpõe as barreiras da superfície uma tentativa de apresentar um possível cenário de alteração social, necessárias no Nordeste brasileiro, espaço onde é gestado e ambientado. Tornando o romance como um produto orgânico, visceral, espontâneo e fruto das recordações e lembranças do escritor.

O escritor José Lins do Rego comporá sua trajetória literária em romances que possuirão um eixo central, muito pertinente a denominação do *ciclo da cana-de-açúcar*, com as obras, *Menino de Engenho*, *Doidinho*, *Bangüê e Usina*, porém, *Fogo morto* será a mais importante de sua trajetória literária. As duas obras inaugurais (*Menino de Engenho e Doidinho*) são consideradas pela crítica como autobiográficas, visto que apresentam em seus enredos contextos da vida do escritor. Porém nunca a crítica obteve informações sólidas de que tais informações eram verídicas, essas considerações foram colhidas em meio às análises de vida e obra do autor.

A ligação com a terra é notória, assim como às expressões culturais do nordeste e suas tradições rurais, além da forte ligação com a região açucareira o que auxiliaram ao escritor ao imprimir em seus textos tamanha emoção, experiência e vivência. Notamos alguém que realmente foi um personagem daquele mundo canavieiro, escravocrata e patriarcal, cenário em que ele emoldurava as suas obras, sempre muito carregado de afeto, compondo assim a mimese perfeita do real.

Mediante a tais vestimentas literárias Zé Lins, compõe, desse modo, o panorama do novo regionalismo que para Albuquerque Júnior, é caracterizado do modo seguinte:

Os discursos regionalistas surgem na segunda metade do século XIX, à medida que se dava a construção da nação e que a centralização política do Império ia conseguindo se impor sobre a dispersão anterior. Quando a ideia de pátria se impõe, há uma enorme reação que parte de diferentes pontos do país. Este regionalismo se caracterizava, no entanto, pelo seu desapego a questões provincianas ou locais, já trazendo a semente do separatismo. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011. p. 60)

Desse modo, não nos restam dúvidas que José Lins do Rego foi um dos escritores que mais se firmou no grupo seletivo dos modernistas do Nordeste. Escritor que notamos uma preocupação latente em posicionar-se criticamente mediante às dificuldades nordestinas.

No momento em que é publicado *Fogo morto* (1943), verificamos uma retomada do aspecto *Regionalista* em nossa literatura brasileira, sendo este, um regionalismo novo, com novas roupagens e aspectos. Para Albuquerque Júnior (2011), verificamos ser regionalismo:

[...] é, no entanto, visto com bons olhos por alguns intelectuais nacionalistas. Sampaio Ferraz, por exemplo, considera que o apego natural à terra natal não colide com a formação da nacionalidade, mas se constitui num pré-requisito indispensável. Os próprios modernistas achavam que a consciência regional era a primeira forma de manifestação da consciência nacional. Só que está era um estágio a ser ultrapassado, quando houvesse a criação da consciência brasileira. Para Graça Aranha, o regionalismo se constituía apenas em meio a expressão, mas não um fim para a arte, que devia aspirar ao universal. (ALBUQUERQUE JÚNIOR 2011, p. 64)

Esse regionalismo novo, verificado no livro *Fogo morto*, apresentará banhando por uma nova visão o lado exótico do nordeste brasileiro, uma literatura agressiva, que apresentará sem máscaras e fantasias o nosso Brasil doente, imerso nas mazelas sociais, miserável e faminto, eclodindo na superfície do que antes era uma indumentária falsa e superficial. É quando podemos verificar no livro *Fogo morto* a imagem deteriorada em meio à seca, a superstição e à crueldade humana:

O povo passa a temê-lo por causa de sua feiúra e de sua raiva enrustida e devido às andanças pela noite, ganha a fama de lobisomem. “Era um homem perdido, sem filha, sem mulher, só no mundo como se fosse um condenado. Lobisomem. Homem do demônio.” (RÊGO, 2002. p. 196)

O fragmento citado acima vem retratar a figuração fornecida pelo escritor ao Mestre José Amaro, personagem que caracteriza a dinâmica de um desenlace trágico. O velho seleiro que vivia com a mulher e a filha, esta provavelmente possuidora de problemas psiquiátricos, numa casa simples cedida pelo antigo proprietário do engenho Santa Fé. O Mestre Amaro protagonizará a primeira parte do livro, onde se mostrará desiludido com a vida miserável e com a profissão que lhe rendiam algumas poucas migalhas. Vivia a resmungar e a intitular-se livre para contestar os Coronéis, como podemos verificar no fragmento abaixo:

— Bom dia, MESTRE ZÉ — foi dizendo o pinto Laurentino a um velho, de aparência doentia, de olhos amarelos, de barba crescida. / — Está de passagem, seu Laurentino? / — Vou ao Santa Rosa. O Coronel mandou me chamar para um serviço de pintura na casa-grande. Vai casar a filha [...] / — Vai trabalhar para o velho Joé Paulino? É bom homem, mas eu lhe digo: estas mãos que o senhor vê nunca cortaram sola para ele. Tem riqueza, e que fique com ela. Não sou criado de ninguém. Gritou comigo, não vai. (RÊGO, 2002. p. 49)

Notamos aqui, um representante das minorias que não está de acordo com as extravagâncias, autoritarismos e exploração dos senhores de engenho da época. Zé Amaro mostra-se revoltado com os absurdos causados pelos aristocratas da região. Este senhor de aparência sofrida e doentia tem uma nível elevado de consciência de sua condição e importância enquanto ser humano. Percebe que é descaradamente explorado, e luta a todo momento contra tal fato, percebendo a sua única alternativa em conceder apoio ao líder do Cangaço,

Agora não estava consertando os arreios de um velho doido, não estava fazendo sela para um camumbembe qualquer. Trabalhava para o grupo de Antônio Silvino. Cortava solas para cabras que já sabiam morrer no rifle, para gente que tinha sangue de macho. Não era um pobre seleiro de beira de estrada; era mais um oficial de bagaceira de engenho. O capitão Antonio Silvino saberia seu nome. Sem dúvida Alípio lhe diria: “Capitão, o mestre José Amaro trabalha para nós. É homem de confiança.” Que fosse para o inferno os grandes da terra Para ele só havia uma grandeza no mundo, era a grandeza do homem que não temia o governo, do homem que enfrentava quatro estados, que dava dor de cabeça nos chefes de polícia, que matava soldados, que furava cercos, que tinha o poder de adivinhar os perigos. (RÊGO, 2002. p. 144)

A admiração e devoção do mestre Zé Amaro na figura do cangaceiro Antonio Silvino, um “Robin Hood” do sertão nordestino brasileiro, este capitão perseguido pela Volante Estadual, é a única esperança para os menos favorecidos, desse modo, o mestre Zé não media esforços para auxiliá-lo quando estava pelas redondezas, a ver no fragmento a seguir:

O mestre José Amaro, com as pálpebras ainda mais inchadas pela noite de insônia, parecia um mostro. A inchação dava-lhe aspecto sinistro. A sua

mulher tremia com o pavor das notícias do capitão Antonio Silvino. [...] O homem se foi, e na casa do mestre José Amaro ficou o terror na sua mulher, e uma sinistra alegria no coração do seleiro. Ele matava galinha e dava para o capitão Antonio Silvino que mandava em toda cambada de senhores de engenho. (RÊGO, 2002. p. 132)

O capitão Antonio Silvino era temido na região por todos os senhores de engenho, estes que faziam o que lhes era ordenado. Verificamos aqui uma releitura bastante significativa do Capitão Severino, o Lampião, na narrativa ficcional de José Lins do Rego.

O romance abordará em meio a processo de mudanças sociais, fruto de um período que comporá, Segundo Reinado, Revolução Praieira e a Abolição dos escravos até as primeiras décadas do século XX, onde o romance será ambientado. Após se munir de contextualização histórica, o escritor apresentará a crise do sistema açucareiro, alicerçado, antes da abolição, na mão de obra escrava.

A crise promovida pela falta de mão de obra será a temática central do romance, o declínio do Engenho Santa Fé, e por consequência, o drama do Coronel Lula de Holanda em meio aos seus monólogos e diálogos que perpassam o viés da loucura, outra temática e obsessão de José Lins do Rego. Tais desajustes financeiros se seguem dos desarranjos sociais, causando assim, uma possível depressão em Lula.

[...] Seu Lula, como um alucinado, não parava de falar. Preferia ver a filha estendida num caixão a se casar com um tipo à toa, sem família. [...] Seu Lula levantou-se da cadeira. Quis andar um pouco e parou, procurando apoio com as mãos, os olhos se dilataram, e com o corpo inteiro caiu no chão, num tremor de morte. A mulher e a filha quis ajudá-lo. A boca escumava, os dentes trincados, e os braços e as pernas numa convulsão desesperada. Era o ataque que chegava mais forte do que nunca. Foram dias inteiros de recolhimento. Nem a filha podia entrar no seu quarto, sem os gritos e as palavras duras. Depois silenciava, todo ele como se recolhia para um exame de consciência [...]. (RÊGO, 2002. p. 271-272)

O coronel Lula, personagem relevante da segunda parte do romance, é a figuração perfeita da decadência dos senhores de engenho, soberbos que não possuíam nenhum apreço à terra e desconhecia profundamente a importância dela, além de desvalorizar profundamente os negros de sua região, mesmo após a Abolição tratava-os com desprezo e desvalorização. Na concepção de Lula, ele um aristocrata, deveria ser sempre servido e respeitado, mesmo com imposições e crueldades. Gilberto Freyre em sua obra *Casa-Grande & Senzala* define brilhantemente o perfil de tais aristocratas, a ver:

É verdade que muitos colonos que aqui se tornaram grandes proprietários rurais não tinham pela terra nenhum amor nem gosto pela sua cultura. Há séculos que em Portugal o mercantilismo burguês e semita, por um lado, e por, outro lado, a escravidão moura sucedida pela negra, haviam transformado o antigo povo de reis lavradores nos mais comercializados e menos rural da Europa. (FREYRE, 2003. p. 85-86)

Imbuído dessa incapacidade de lidar com terra, o prepotente e extremamente autoritário Lula de Holanda Chacon arruína o engenho Santa Fé, apaga das suas fornalhas, transforma-o em um fogo-morto, expressão que denominava os engenhos falidos dessa época, e, por conseguinte, dará nome ao livro de José Lins. Neste será

apresentado a crise do sistema açucareiro, erguido pela mão de obra, suor e sangue escravo, sistema canavieiro detalhado na obra de Gilberto Freyre da seguinte maneira:

A cana-de-açúcar começou a ser cultivada igualmente em São Vicente e em Pernambuco, estendendo-se depois à Bahia e ao Maranhão e sua cultura, que onde logrou êxito – medíocre como em São Vicente ou máximo como em Pernambuco, no Recôncavo e no Maranhão – trouxe em consequência uma sociedade e um gênero de vida de tendências mais ou menos aristocráticas e escravocratas. Por conseguinte de interesses econômicos se esboçaria mais tarde entre os homens de maior capital, que podiam suportar os custos da agricultura da cana e da indústria de açúcar, e os menos favorecidos de recursos, obrigados a se espalharem pelos sertões em busca de escravos – espécie de capital vivo – ou a ficarem por lá, como criadores de gado. [...] A igualdade de interesses agrários e escravocratas que através dos séculos XVI e XVII predominou na colônia, toda ela dedicada com maior ou menor intensidade à cultura do açúcar, não a perturbou tão profundamente, como à primeira vista parece, a descoberta das minas ou a introdução do cafeeiro. Se o ponto de apoio econômico da aristocracia colonial deslocou-se da cana-de-açúcar para o ouro e mais tarde para o café, manteve-se o instrumento de exploração: braço escravo. (FREYRE, 2003. p. 93)

Notamos que Gilberto Freyre traça de modo magistral a transmutação da economia brasileira, a causa central do nosso livro em análise, apresentando de modo bastante particular o declínio do engenho, seguido pela deterioração psicossocial. Freyre vem destacar em sua fala o negro como moeda ou até mesmo forma de capital e comércio, deixando bastante claro em sua narrativa que a única importância desse povo escravizado, sofrido e cobertos de chagas sociais e psíquicas, para os grandes senhores, era o valor comercial.

Em meio a feição extremamente realista, o romance de Zé Lins é construído de modo que busca sempre apresentar os problemas sociais do Nordeste brasileiro. Literatura marcada pela década de 30 como um período de descoberta e de desapego às utopias anteriormente criadas, a partir de então a literatura estará embebecida, na ótica de Albuquerque Júnior,

Um lugar onde a preocupação com a nação e com a região se encontrava com a preocupação com “povo”, com os trabalhadores e com os operários. Um espaço não mais preocupado com a memória, mas com o “fazer história”. Um espaço conflituoso, atravessando pelas lutas sociais, “pela busca do poder”. Um poder fragmentado, em busca de uma nova totalização, de um novo encontro com a universalidade. Um nordeste não mais assentado na tradição e na continuação, mas sim na revolução e na ruptura. Um espaço em busca de uma nova identidade cultural e política, cuja essência só uma “estética revolucionária” seria capaz de expressar. Nordeste, território de um futuro a ser criado não apenas pelas artes da política, mas também pela política das artes. Se a sociologia freyreana havia sido responsável, em grande parte, pela visibilidade e dizibilidade tradicionalista do Nordeste, a influência do pensamento marxista vai ser decisiva para a emergência desta forma de ver e dizer o Nordeste, seja artística, seja politicamente. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011. p. 62)

Notaremos, desse modo, que o romance vem retratar com fidelidade o espaço político e social dos personagens, numa estrutura ambígua, capaz de apresentar a situação de decadência da região açucareira nordestina, e também às suas transformações mais significativas. Zé Lins dramatiza com perfeição a subjetividade

nordestina, os seus aspectos psicológicos e o histórico social. Percebe-se que a narrativa faz uso constante de descrições da realidade que ambientalizam a trama, algumas vezes a riqueza de detalhes o torna uma obra pictórica e de significativo valor documental.

A parte final do romance será intitulada “O Capitão Vitorino”, misto de plebeu e aristocrata, o eterno opositor será o grande corajoso da narrativa, nas palavras de Antonio Carlos Vilhaça, “desabusado, intempestivo capitão Vitorino, que é a pura imagem corajosa do opositor, do desafiador, do generoso militante. Mestre José Lins do Rego identificava-se com ele, com seu humanismo atrevido, desabrido e largo”.

A tropa saiu com o capitão Vitorino Carneiro da Cunha todo amarrado de corda, montado na burra velha que os soldados chicoteavam sem pena. Corria sangue da testa ferida do capitão. A luz vermelha da madrugada banhava o canavial que o vento brando tocava de leve. Marchava o capitão a frente da tropa, como uma fera perigosa que tivesse domado com tremendo esforço. Os moradores vinham olhar e os homens se espantavam de ver o velho que todos sabiam tão manso, amarrado daquele jeito. Vitorino falava alto: – Estes bandidos me pagam. / Acompanhado pelo primo lá se foi o capitão Vitorino Carneiro da Cunha. Já estava sem as cordas que lhe prendiam os braços. O povo vinha para olhar. Falavam que era uma tropa que tinha prendido o velho por causa de Antônio Silvino. (RÊGO, 2002. p. 324 - 325)

O idealista, este alguém que buscava lutar contra os moinhos de vento da aristocracia brasileira, no lombo de seu burro velho e gordo é misto de Dom Quixote e Sancho Pança, para alguns críticos. Personagem opositorista, simples e que aceitava todas as lutas em prol da melhoria de vida dos mais fracos Este que acreditava numa vida política e alimentava uma fé na justiça encontra-se neste momento da narrativa, refém de seus próprios sonhos e utopias.

Percebemos na literatura de José Lins do Rego um realismo bruto, onde se destaca a priori na ficção regionalista da narrativa, de forma renovada utilizando experimentações da linguagem incorporada da prosa modernista, trazendo assim um novo estilo ficcional para apresentar a realidade brasileira. O novo perfil do estilo será uma tendência na literatura sócio regional, esta que focava especificamente o Nordeste brasileiro, ambientando os dramas da seca, da exploração e da realidade humana e social deste local.

No referido trabalho procurou-se evidenciar a decadência açucareira da região Nordeste, apresentada nas literaturas do escritor José Lins do Rego, mais especificamente *Fogo morto*, nosso objeto de estudo. Encontraremos também a degradação nua e crua do ser humano nos mais amplos meios, desde o social ao psicológico, do físico ao econômico. Enveredando assim, pelos aspectos mais recorrentes da literatura regional a partir dos anos 30 no Brasil. Espera-se que o estudo proposto possa ampliar e acrescentar olhares ao uma literatura intrínseca e tão próxima a maioria de nós, chegando às vezes visceral.

Evidentes e claras são as contribuições do Modernismo Brasileiro para a nossa literatura nacional, e em nosso caso de estudo, para a literatura regional, sob o olhar de um intelectual nordestino. Notamos que tais contribuições não foram homogêneas em sua totalidade, atingiram diferentes níveis de rupturas nas construções literárias e no campo social.

É evidente que alguns artistas e escritores, obtiveram maiores êxitos, e em nosso caso, poderemos evidenciar José Lins do Rego, sua obra *Fogo morto*, objeto de estudo de nosso artigo. Obra de grande relevância e radicalidade ao figurar o novo regionalismo, e deixar até os nossos dias o desejo sedento por



modificações no meio sócio-político do nordestino e no âmbito estético da literatura onde nos possibilita uma visão crítica da situação do menos favorecidos e, dos senhores de engenho.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

CANDIDO, Antonio. **A revolução de 1930 e a cultura**. In: Mão e contramão e outros ensaios contemporâneos. São Paulo: Globo, 2009.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 48ª. ed. São Paulo: Global, 2003.

LAFETÁ, João Luiz. **1930: A Crítica e o Modernismo**. 34ª. ed. São Paulo: duas Cidades, 2001.

REGO, José Lins do. **Fogo Morto**. 57ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.